

# Capítulo 3



Não me incomodei em trocar de roupa ou escovar meu cabelo, coisas que certamente eu teria feito em Nova York. Em vez disso, vesti um suéter, enfiei os pés em um par de botas de borracha verdes do exército que Bee mantinha no hall, e saí da casa.

Há algo estranhamente terapêutico em se caminhar pela areia pantanosa, a sensação da água correndo abaixo dos pés sinalizando para o cérebro de que está tudo bem em deixar as coisas correrem por um tempo. E foi isso que eu fiz naquela manhã. Também não me repreendi quando minha mente voltou-se para Joel e mil pequenas memórias aleatórias do passado. Esmaguei uma casca de caranguejo oca com minha bota, estraçalhando-a em mil pedaços.

Peguei uma pedra e atirei-a à água tão longe e tão fortemente quanto pude. Caramba. Por que nossa história teve que acabar daquele modo? Então peguei outra, e outra, jogando-as violentamente no estuário, até que caí sobre um pedaço de madeira flutuante que estava próximo. Como ele pôde? Como pude? Apesar de tudo, havia uma pequena parte de mim que o queria de volta, e eu me odiava por isso.

— Você nunca vai fazer a pedra ricochetear com um lançamento assim.

Pulei ao som da voz de um homem. Era Henry, caminhando lentamente em minha direção.



— Ah, oi — respondi, desconfortavelmente consciente de mim mesma. Ele vira minha birra? E por quanto tempo? — Eu só estava...

— Atirando pedras — disse ele, balançando a cabeça. — Mas sua técnica, querida, está totalmente errada. — Abaixou-se e pegou uma pedra fina de bolacha-de-praia e segurou-a contra a luz, examinando todos os ângulos. — Sim — disse finalmente. — Esta servirá. — Ele se voltou para mim. — Agora, segure a pedra dessa forma, e depois deixe seu braço fluir como manteiga enquanto você a lança.

Ele a atirou em direção à costa, e ela voou sobre a água, onde fez uma pequena dança de seis saltos sobre a superfície.

— Caramba! — ele resmungou. — Estou perdendo a manha. Seis é terrível.

— É mesmo?

— Bem, sim — disse ele. — Meu recorde é quatorze.

— Quatorze? Você não pode estar falando sério.

— Enquanto eu viver e estiver aqui — disse ele, atravessando o coração com a mão do jeito que você faz quando tem 11 anos de idade. E é um membro de um grupo de escoteiros. — Fui, certa vez, o campeão de ricocheteio de pedras da ilha.

Não pude conter o riso.

— Eles têm concursos de ricocheteio de pedra?

— Claro que têm — disse ele. — Agora, tente.

Perscrutei a areia e peguei uma pedra plana.

— Aqui vai — avisei, elevando o braço e atirando. A pedra atingiu a água e mergulhou de modo péssimo. — Viu? Sou terrível.

— Que nada! — disse ele. — Você só precisa de prática.

Sorri. Seu rosto estava desgastado e enrugado como um velho livro com capa de couro. Mas seus olhos... bem, eles me diziam que, em algum lugar dentro daquelas linhas de expressão residia um homem jovem.

— Posso lhe oferecer uma xícara de café? — ele perguntou, apontando costa acima para uma pequena casa branca sobre o tabique. Seus olhos brilhavam.

— Sim — respondi-lhe. — Isso parece ótimo.

Caminhamos até os degraus de concreto que levavam a uma via coberta de musgo. Os seis degraus de pedra nos deixaram na entrada da casa de Henry, sob a sombra de dois cedros grandes e antigos que se postavam como sentinelas.

Ele abriu a porta de tela. O barulho da madeira rivalizou com os de algumas gaviotas que estavam sobre o telhado e que se manifestaram em desaprovação enquanto voavam de volta para a água.

— Faz tempo que pretendo consertar essa porta — ele comentou, tirando as botas na varanda. Segui seu exemplo e fiz o mesmo.

Minhas bochechas se aqueceram com a lareira crepitando e estalando na sala de estar.

— Fique à vontade — disse ele. — Vou fazer o café.

Assenti e caminhei até a lareira, com sua cornija de mogno escuro delineada com conchas, pequenas pedras brilhantes e fotografias em preto e branco em molduras simples. Uma das fotos chamou minha atenção. A mulher tinha o cabelo loiro ondulado e penteado rente à cabeça, da forma como as mulheres se penteavam em 1940. Ela irradiava glamour, como um modelo ou uma atriz, ali, de pé na praia, com o vento soprando o vestido contra seu corpo, o contorno dos seios e sua cintura fina visível. Havia uma casa ao fundo, a casa de Henry, e os cedros, muito menores naquela época, mas já plenamente reconhecíveis. Perguntei-me se ela havia sido sua esposa. Sua pose parecia muito sugestiva para ser uma irmã. Quem quer que fosse ela, Henry a adorava. Eu tinha certeza disso.

Ele se aproximou com duas canecas grandes na mão.

— Ela é linda — eu disse, pegando a foto e sentando-me no sofá sem soltá-la, para um olhar mais atento. — Sua esposa?

Ele pareceu surpreso com a pergunta, e, em seguida, respondeu simplesmente:

— Não. — Entregou-me uma caneca e depois levantou-se e correu os dedos ao longo do queixo, da forma como os homens fazem quando estão confusos ou não têm certeza sobre algo.

— Sinto muito — eu lhe disse, recolocando rapidamente o quadro sobre a lareira. — Não queria me intrometer.

— Não, não — disse ele, de repente sorrindo. — É bobagem, eu acho. Isso foi há mais de sessenta anos; é claro que você concluiu que eu seria capaz de falar sobre ela.

— Ela?

— Ela era minha noiva — continuou ele. — Nós estávamos caminhando para o casamento, mas... as coisas não deram certo. — Ele fez uma pausa, como se estivesse mudando de ideia sobre algo. — Eu provavelmente não devia ser...

Nós dois olhamos para cima quando ouvimos uma batida na porta.

— Henry? — Era uma voz de homem. — Você está em casa?

— Ah, é Jack — disse Henry, voltando-se para mim. Ele falou o nome de uma forma familiar, como se eu estivesse esperando para conhecê-lo.

Observei da sala de estar quando ele abriu a porta e recebeu um homem de cabelos escuros próximo da minha idade. Ele era alto, tão alto que precisou se abaixar um pouco quando entrou na casa. Usava calça jeans e um suéter de lã cinza, e embora ainda estivéssemos apenas na metade da manhã, a pálida sombra visível em seu queixo insinuava o fato de que ele ainda não havia se barbeado, ou se banhado.

— Oi — ele disse, um pouco sem jeito, quando seus olhos encontraram os meus. — Sou Jack.

Henry me apresentou.

— Esta é Emily... você sabe, a sobrinha de Bee Larson.

Jack olhou para mim, e depois de volta para Henry.

— Sobrinha de Bee.

— Sim — respondeu Henry. — Ela passará esse mês aqui.

— Bem-vinda — disse Jack, arregaçando a manga do suéter. — Desculpe, não queria interromper; comecei a cozinhar e, no meio da receita, percebi que estava sem ovos. Você não teria, por acaso, dois aí com você, não é?

— É claro — disse Henry enquanto se dirigia para a cozinha.

Enquanto Henry se foi, meus olhos se encontraram com os de Jack, mas logo desviei o olhar. Ele esfregava a testa; eu brincava com o zíper da minha blusa. O silêncio era tão espesso e sufocante quanto a areia escura na praia do lado de fora da janela.

Um esguicho soou na água do lado de fora. Assustei-me, batendo meu pé na borda da mesinha lateral e assistindo, impotente, ao pequeno vaso branco que repousava sobre uma pilha de livros cair ao chão, onde se quebrou em quatro pedaços irregulares.

— Ah, não! — exclamei, balançando a cabeça, igualmente preocupada por quebrar uma das preciosas relíquias de Henry e por me envergonhar na frente de Jack.

— Aqui, vou ajudá-la a esconder as evidências — disse ele, sorrindo. Gostei dele instantaneamente.

— Sou a mulher mais desajeitada do mundo — afirmei, enterando o rosto nas mãos.

— Bom — respondeu ele, puxando a manga do suéter para revelar o preto e o roxo de uma contusão recente. — Sou o homem mais desajeitado do mundo. — Tirou um saco de plástico do bolso e, cuidadosamente, pegou o que restava do vaso. — Podemos colar as peças depois — continuou ele.

Eu sorri.

Henry voltou com uma caixa de ovos e entregou-a a Jack.

— Desculpe, tive que correr até o refrigerador na garagem — disse ele.

— Obrigado, Henry — disse Jack. — Fico lhe devendo.

— Você não vai ficar?

— Não posso — disse ele, relanceando o olhar em minha direção —, realmente preciso voltar, mas obrigado. — Ele se virou para mim com o olhar de um cúmplice. — Prazer em conhecê-la, Emily.

— Prazer em conhecê-lo — respondi, desejando que ele não tivesse que ir tão depressa.

Henry e eu observamos pela janela enquanto Jack se dirigia ao caminho de volta à praia.

— Ele é um cara estranho, esse Jack — disse ele. — Aqui está a garota mais bonita da ilha, em minha sala, e ele não pode sequer ficar para o café.

Tive certeza de que estava corada.

— Você é muito gentil — eu disse. — Olhe para mim. Eu apenas rolei para fora da cama...

Ele piscou.

— Eu quis dizer exatamente o que eu disse.

— Você é um doce — falei.

Nós conversamos durante uma segunda xícara, mas um olhar de relance para meu relógio me contou que eu estava fora fazia quase duas horas.

— Acho que preciso voltar, Henry — disse. — Bee vai começar a se perguntar por onde ando.

— É claro — respondeu ele.

— Verei você na praia — eu disse.

— Sempre que estiver passando, por favor, pare aqui.

A maré estava baixa agora, expondo uma camada secreta da vida na costa, e enquanto voltava, vi-me pegando conchas e pedaços grandes de alga verde-esmeralda borbulhante e estourando as bolhas de ar da estrutura viscosa, do jeito que havia feito tantos anos atrás. Uma pedra brilhava ao sol, e me ajoelhei para pegá-la, quando ouvi passos atrás de mim. Sons de passos de animal, e em seguida, alguém gritando.

— Russ, aqui, garoto!

Virei-me, e em um instante, um grande e desajeitado retriever de pelo dourado abordou-me com a força de um jogador de futebol americano.

— Ei! — gritei, limpando meu rosto, que havia acabado de ser lambido.

— Sinto muito — disse Jack. — Ele escapou pela porta dos fundos. Espero que você não tenha se assustado. Ele é inofensivo, apesar dos cinquenta quilos.

— Eu estou bem — respondi, sorrindo, tirando um pouco de areia da minha calça, antes de me ajoelhar para fazer ao cão uma saudação adequada.

— E você deve ser Russ — falei. — Prazer em conhecê-lo, companheiro. Eu sou Emily. — Olhei para Jack. — Eu estava voltando para a casa de Bee.

Ele agarrou a correia atada à coleira de Russ.

— Chega de acrobacias como essa, garoto! — brincou, antes de olhar para mim. — Eu vou com você, estamos indo nessa direção.

Passou-se um minuto, talvez mais, antes que qualquer um de nós falasse. Eu estava contente com o som de nossas botas na costa rochosa.

— Então, você mora aqui em Washington? — Jack perguntou finalmente.

— Não — respondi. — Em Nova York.

Ele balançou a cabeça.

— Nunca estive lá.

— Você deve estar brincando. Você nunca foi a Nova York?

Ele deu de ombros.

— Creio que nunca tive um motivo para ir. Vivi aqui toda minha vida. Nunca pensei em sair.

Assenti, olhando para a praia que se estendia indefinidamente.

— Bem, cá estou eu na ilha, de novo. — Fiz uma pausa e olhei ao redor. — Na verdade, não sei por que a deixei. Não sinto falta de Nova York agora, de qualquer jeito.

— E o que a trouxe aqui este mês?

*Já não lhe disse que estou visitando minha tia? Essa explicação não foi suficiente?* Eu não iria lhe dizer que estava fugindo de meu passado, o que em certo sentido era verdade, ou que estava tentando descobrir meu futuro, ou que, Deus me perdoe, havia acabado de me divorciar. Respirei fundo e lhe disse:

— Estou fazendo pesquisa para meu próximo livro.

— Ah — ele disse. — Você é escritora?

— Sim — respondi, engolindo em seco. Odiava a autoimportância do meu tom. Poderia alguma coisa do que eu fazia ali realmente ser considerada “pesquisa”? Como de costume, no momento em que comecei a falar sobre minha carreira, comecei a me sentir vulnerável.

— Uau — ele se admirou. — Então, o que você escreve?

Contei-lhe sobre *Chamando Ali Larson*, e ele estacou de repente.

— Você está brincando — disse ele. — Esse livro virou filme, certo?

Concordei.

— E você? — perguntei, de repente ansiosa por mudar de assunto.

— O que você faz?

— Sou artista — ele respondeu. — Um pintor.

Meus olhos se arregalaram.

— Ah, uau! Eu adoraria ver seu trabalho algum dia. — Mas, no segundo em que falei isso, senti meu rosto queimar de vergonha. *Eu poderia estar mais esquisita, mais enferrujada? Será que eu já havia esquecido completamente como falar com um homem?*

Em vez de agradecer a declaração, ele exibiu um rápido meio sorriso antes de chutar o pé na areia, arrancando um pedaço de madeira que estava preso.

— Você consegue acreditar que a praia esteja assim esta manhã? — Ele apontou para os escombros espalhados ao longo da costa. — Deve ter havido uma verdadeira tempestade na noite passada.

Eu adorava a praia depois de uma tempestade. Quando tinha 13 anos, a pasta de um banqueiro foi levada para aquela mesma praia, com exatamente 319 dólares em seu interior — eu sei porque contei cada nota — junto com um revólver encharcado. Bee chamou a polícia, que localizou os restos de um assalto a banco que dera errado dezessete anos antes. Dezessete anos. O estuário de Puget é como uma máquina do tempo, escondendo coisas e depois vomitando-as de volta em suas costas, no momento e local de sua escolha.

— Então, você disse que viveu aqui na ilha por toda sua vida. Portanto, você deve conhecer minha tia.

Ele confirmou com um gesto de cabeça.

— Se a conhece? Sim, pode-se dizer que sim.

A casa de Bee repousava alguns passos à frente.

— Quer entrar? — perguntei. — Você poderia dizer olá para Bee. Ele hesitou, como se lembrando de algo ou alguém.

— Não — ele respondeu de imediato, apertando os olhos cautelosamente em direção à janela. — Não, é melhor não.

Mordi a ponta do lábio.

— Ok — respondi. — Bem, vejo você por aí, então.

E foi isso, disse a mim mesma, caminhando para a porta de trás. *Por que ele parece tão desconfortável?*

— Espere, Emily — Jack chamou da praia alguns momentos depois.



Virei-me.

— Desculpe — disse ele. — Estou um pouco sem prática. — Afastou uma mecha do cabelo escuro dos olhos, e o vento a soprou de volta. — Só estava me perguntando se você gostaria de vir para jantar — ele falou — em minha casa. Sábado à noite, às sete?

Fiquei ali, olhando para ele, esperando para abrir minha boca. Demorou alguns segundos, mas encontrei minha voz, e minha cabeça.

— Eu adoraria — respondi, balançando a cabeça.

— Vejo você, então, Emily — ele se despediu, sorrindo mais amplamente.

Eu havia notado Bee nos observando pela janela, mas quando entrei na casa, ela havia se movido para o sofá.

— Ora, vejo que você conheceu Jack — ela comentou, com os olhos fixos nas palavras cruzadas.

— Sim — confirmei. — Ele estava na casa de Henry, hoje.

— Henry? — disse Bee, levantando os olhos. — O que você estava fazendo lá?

— Estava fazendo uma caminhada de manhã, e me encontrei com ele na praia, por acaso. — Dei de ombros. — Ele me convidou para um café.

Bee parecia preocupada.

— O que tem isso? — perguntei.

Ela abaixou o lápis e olhou para mim.

— Tenha cuidado — disse enigmaticamente. — Especialmente com Jack.

— Cuidado? Por quê?

— As pessoas nem sempre são quem elas parecem ser — disse ela, colocando seus óculos de leitura no estojo de veludo azul que mantinha na mesinha lateral.

— O que você quer dizer?

Ela ignorou minha pergunta de uma forma que só Bee poderia fazê-lo.

— Bem, já é meio-dia e meia? — Ela suspirou. — É hora da minha soneca. — Serviu-se de uma meia taça de xerez. — Meu remédio — disse, com uma piscadela. — Eu a vejo mais tarde, querida.

Estava claro que havia algum tipo de história entre Bee e Jack. Eu podia ver em seu rosto, e podia ouvir em sua voz.

Inclinei-me para trás no sofá e bocejei. Atraída pelo fascínio de um cochilo, fui para o quarto de hóspedes e me enrolei na grande cama com sua colcha rosa de babados. Peguei o romance que havia comprado no aeroporto, mas, depois de lutar ao longo de dois capítulos, joguei o livro no chão.

Libertei meu pulso do aperto do relógio — não consigo dormir com qualquer aparelho ligado — e abri a gaveta da mesa de cabeceira. Mas, quando deixei o relógio cair em seu interior, notei algo nas sombras.

Era um diário, pelo que parecia. Peguei-o e passei a mão ao longo da lombada. Ele era velho, e sua intrigante capa vermelha de veludo parecia gasta e puída. Toquei-a, sentindo uma pontada de culpa imediatamente. E se fosse um diário antigo de Bee? Estremeci, devolvendo-o cuidadosamente ao interior da gaveta. Alguns momentos se passaram, e me encontrei com o diário em minhas mãos novamente. Era muito irresistível. *Apenas um espiada na primeira página, isso é tudo.*

As folhas, amareladas e quebradiças, traziam uma sensação pura, de passagem do tempo. Examinei a primeira página em busca de uma pista, e encontrei-a no canto inferior direito, onde as palavras *Caderno de Exercícios de Escrita Cursiva* estavam impressas em tinta preta, junto com o logotipo da gráfica. Lembrei-me de um livro que havia lido fazia muito tempo, no qual um personagem do início do século 20 utilizou um caderno como aquele para escrever um romance. *Seria aquilo um projeto de um romance, ou um diário privado?* Fascinada, virei a página, extinguindo meus sentimentos de culpa com grandes quantias de curiosidade. *Só mais um página, e, depois, vou colocá-lo de volta no lugar.*

As palavras na página seguinte, escritas na caligrafia mais bonita que eu já havia contemplado, fizeram meu coração se acelerar. “A História de o Que Aconteceu em uma Pequena Cidade Insular em 1943.”

Bee nunca havia escrito, pelo menos não que eu estivesse ciente. Tio Bill? Não, a caligrafia era, claramente, o trabalho de uma mulher. *Por que isso estaria aqui — neste quarto rosa?* E quem deixaria de assiná-lo, e por quê?

Inspirei profundamente, e virei mais uma página. Qual seria o problema em simplesmente ler algumas linhas? Quando deparei com o parágrafo inicial, não consegui mais resistir.

Nunca tive a intenção de beijar Elliot. As mulheres casadas não se comportam assim, pelo menos não as mulheres casadas como eu. Não era adequado. Mas a maré estava alta, e havia uma brisa fria soprando, e os braços de Elliot se envolviam em torno de meu corpo como um xale quente, acariciando-me em lugares onde ele não deveria tocar, e eu mal podia pensar em mais nada. Era como nós costumávamos ser. E embora eu esteja casada agora, embora as circunstâncias tenham mudado, meu coração havia trabalhado para ficar fixo no tempo — congelado, como se estivesse esperando por aquele momento — o momento em que Elliot e eu encontramos o caminho de volta a este lugar. Bobby nunca me abraçou desse modo. Ou talvez ele o tenha feito, mas se assim foi, seu toque não provocou esse tipo de paixão, esse tipo de fogo.

E sim, nunca pretendi beijar Elliot naquela noite fria de março, nem planejei as coisas indizíveis que aconteceram na sequência, a cadeia de eventos que foram minha ruína, nossa ruína. Porém essa foi a cadeia de eventos que começou no mês de março de 1943, eventos que mudariam para sempre minha vida e a vida daqueles ao meu redor. Meu nome é Esther, e esta é minha história.

Levantei os olhos. *Esther? Quem é Esther? Um pseudônimo, talvez? Um personagem fictício?* Ouvi uma batida, e instintivamente puxei o edredom para esconder as páginas que estava lendo.

— Sim? — disse.

Bee abriu a porta.

— Não consigo dormir — anunciou ela, esfregando os olhos. — Que tal darmos um passeio até o mercado, em vez disso?

— Claro! — exclamei, ainda que realmente quisesse ficar e continuar lendo.

— Eu a encontro lá na frente, quando estiver pronta — disse ela, olhando para mim por alguns segundos a mais do que era confortável antes de deixar de me fitar. Eu estava começando a ter a sensação de que as pessoas na ilha estavam todas envolvidas em um grande segredo — o qual ninguém tinha qualquer intenção de compartilhar comigo.